

# A meus três filhos na morte de Tancredo

Vocês vivem, desde domingo, um momento raro na vida de um País, quando o povo — em transe — percebe testemunhar a história, compreendendo em profundidade que Nação é o que pulsa em comum, superior ao que desume os homens.

Nascidos e crescidos nos vinte e poucos anos em que o País (fora do esporte) foi cruelmente paralisado em suas emoções cívico-públicas, capacidade de escolher e por isso manifestar-se com liberdade, somente agora vocês testemunham a grandeza ainda que pungente, no caso, de uma nacionalidade em estrechamento.

A vida começa com a morte. Por isso, morrer talvez seja libertar-se da morte. No instante seguinte à passagem, o filtro mágico do mistério opera a transformação de quem morreu, pela elucidação de sua vida. Atenuam-se episódios, polem-se asperezas, aprofundam-se percepções, ressalta da releitura somente o que a vida representou em sua melhor dimensão. A morte perdoa, revela ampla, justifica e ilumina vidas. É generosa, pois, a perda ensina ver e a saber.

Não há apenas dor na morte quando dela emerge uma vida que se realizou em plenitude. As vidas existem para se-

meiar o que só a morte fecunda e consagra. Somos, como seres, meras tentativas de exemplos. Por isso a morte de quem realizou um destino exemplar é a mais completa manifestação de vida para quem fica. A morte agora transformou o material de vida de Tancredo, em lição aprendida. Por isso, dela, o que refulge não é o luto mas a vida. Aleluia por sua vida que, se transformou em pádos homens no martírio da agonia, e as turvas lições do sofrer. Dele não se lamenta a partida, destino comum de quem vive, mas a dor de seu final. Dele se chora a gratidão pelo que deixou de vida: Vivo, melhor, embora, para nós que o admirávamos a ponto de entregar a confiança maior do mandato presidencial, estaria nos altos e baixos de administrar um País em crise na trágica América do Sul. A vida não nos permitiria ver o que a morte desvela de sua vida e exemplo é, estes sim, precisavam cair como chuva sobre o País para ajudar a consolidar — pela concórdia — a democracia brasileira. Da vida de Tancredo, consagrada e revelada em plenitude pela morte, devemos alimentar o tecido de nossa esperança tremeluzindo entre as lágrimas que choramos juntos, ao ver, nas telas da Tv o rosto frustrado do povo, sempre o povo, o deixado para

depois, o esquecido, o traído, o tolerante, o grande órfão.

Ficarão da vida de Tancredo e da União funda com o povo num processo de amor que o iguala a Getúlio e Juscelino na mitologia política brasileira (e muito, na minha concepção, vocês estão cansados de me ouvir dizer, é verdade profunda da mente e não fantasia ou fabulação), algumas evidências importantes para a compreensão deste País e sua maneira de ser.

Para dois de vocês que nasceram no exílio no Chile e para o mais velho de quem me afastei quando começava a andar, e portanto sofreram e viveram algo relativo com tudo o que está representado na emersão da Nova República, para vocês três que nasceram entre 1962 e 1966 e cresceram nestes últimos vinte anos, fique a certeza de que este País é vocacionado para a tolerância, o amor, a fé e a solidariedade. Não pode ser Governado pela força. Prefere amar e temer. Seu povo participa politicamente quando se sente respeitado e representado. O povo é sábio e bom. Em sua intuição superior a de qualquer erudito percebe onde e com quem está o que lhe é verdadeiro e profundo. Tancredo era um portador dessa afinidade e o revelou em sua vida: o sincretismo religioso da

impressionante legião de crenças que nos constituem a proclamar em plena era da ciência, tecnologia, apogeu do materialismo, a confiança na transcendência; a concórdia como arma da política; a conciliação ativa, a que harmoniza as igualdades subjacentes em todas as diferenças; a tolerância e a capacidade de ouvir e integrar; a certeza de que a política se faz procurando unir e somar sem perda da direção fundamental; a capacidade de ter ideais sem ter ilusões; a coragem de levar os demais à confiança, enquanto tudo é medo e mesmo o sol, uma esperança cansada; a necessidade de absoluta probidade pessoal e respeito profundo pela "Res Pública" no exercício de cargos; a idéia do servir no lugar de servir; a afirmação e segurança baseadas na dúvida e na incerteza; a firmeza sem basofia; o brilho sem arrogância.

Na sua aparência miúda e sagaz de sábio oriental, o ar brincalhão de coringa, duende do bem, Tancredo parte como um estadista maior, entregando o País unido, consolidando a democracia com seu sofrimento. Todos temos que compreender tudo isso.

**ARTHUR DA TÁVOLA**